

AGRICULTURA EM SÃO PAULO

- Ano 1975 -

A análise global dos 26 principais produtos da agricultura paulista na safra 1974/75 permite avaliar um decréscimo do valor bruto da produção, em relação a 1973/74 de 2,32%, em termos reais. Ao se excluir o café, tal decréscimo passaria a 2,61%. Exclusivamente em termos físicos, ou seja, considerando somente a variação quantitativa da produção entre 1973/74 e 1974/75, ponderada a preços de 1973/74, a agricultura paulista apresentou uma queda de 6,84%; excluindo-se o café, esta taxa passaria a -2,70%.

Os quadros 1 e 2 mostram os valores alcançados e as variações percentuais do ano. Globalmente, a agricultura gerou uma renda bruta superior aos 25 bilhões de cruzeiros, tendo os 20 produtos de origem vegetal respondido por 63% do total, experimentando uma involução de 2,52%. Os 6 produtos animais complementaram aquela participação com um decréscimo de 1,97% sobre 1973/74.

Quanto à importância relativa dos diferentes produtos, em termos de renda (quadro 2), verifica-se que carne bovina, café e cana-de-açúcar continuam ocupando as mesmas posições que em 1973/74. Em 1975, a carne bovina (16,32%), o café (16,28%), a cana (-12,09%), aves e ovos (10,44%) e o leite (8,49%) respondem por 64% da renda do setor. Desses produtos, apresentaram ganhos de renda real, a cana-de-açúcar (14,26%), o leite (20,09%) e as aves (5,39%); outros ponderáveis aumentos seriam registrados por soja (25,99%), amendoim (16,11%), banana (36,20%), cebola (97,47%), tangerina (15,63%) e arroz (8,78%). Entre os que registraram perdas de renda em termos reais, destacam-se: carne bovina (-9,71%), algodão (-24,11%), tomate (-30,94%), carne suína (-24,32%), batata (-9,97%), feijão (-19,22%), trigo (-61,63%), mamona (-85,98%) e uva de mesa (-13,25%).

INDICADORES DE DESEMPENHO

Os índices de preço, quantidades, valor, área e rendimento encontram-se nos quadros 3 a 7.

Desde logo deve ser observado que esses indicadores de desempenho são obtidos a partir da análise de 21 dos principais produtos (e não 26 como nos quadros 1 e 2) e o período-base é 1962-66 para a série histórica do IEA que se iniciou em 1948.

O desempenho do ano agrícola foi duramente prejudicado pelas adversidades climáticas. O aumento de preços dos produtos agropecuários (8,24%) não foi suficiente para sustentar a renda recorde de 1974. A retração no plantio provocada pelas dificuldades de comercialização da safra anterior, associou-se a um baixo índice de rendimento, chegando-se a uma quebra substantiva na produção vegetal (-7,94%). Ressalte-se, todavia, a exceção dos produtos animais que experimentaram uma variação positiva de 1,34%.

GRUPOS DE PRODUTOS

- Produtos Alimentícios Vegetais

Contrariamente ao ocorrido em 1973/74, esse grupo apresentou acréscimo nos preços reais (7,14%), sendo que somente tiveram os seus preços aumentados a cebola (50,80%), a banana (40,94%) e o arroz (24,13%). Dos produtos que sofreram de decréscimos, destacam-se o tomate (-24,83%) e a batata (-11,38%). Neste grupo, a quantidade produzida decresceu em -1,69%, principalmente pelas quedas na produção de arroz (-12,37%), feijão (-16,89%) e tomate (-8,13%). Somente a cebola (30,95%) e a batata (1,59%) registraram aumentos de produção em relação à safra anterior.

Entre os indicadores econômicos aqui analisados o valor real da produção apresentou uma variação negativa de -2,95%, sendo que dos componentes do grupo, o tomate foi o mais afetado (-30,94%), seguido pelo feijão (-19,22%). Valores positivos são encontrados para a cebola (97,47%), a banana (36,29%) e o arroz (8,78%).

Quanto à área plantada, esse grupo a manteve praticamente inalterada em relação à 1973/74, pois as variações positivas apresentadas pelo arroz, laranja, batata, banana e cebola foram compensadas pelas variações negativas do feijão e do tomate.

O rendimento agrícola apresentou-se decrescido de 11,34% em relação ao

ano passado. Entre os produtos que apresentaram acréscimo de produtividade estão: cebola (20,88%), batata (5,67%) e feijão (4,10%); quedas de produtividade foram captadas no arroz (-22,44%), banana (-7,05%), laranja (-2,28%) e tomate (-0,33%).

- Produtos Alimentícios Animais

Em preços reais, esse grupo experimentou um decréscimo de 1,69%. Dentre os produtos componentes, somente o leite apresentou variação positiva em seu preço real (38,89%).

Quanto à quantidade produzida, o grupo apresentou um aumento de 1,26%, sendo que somente ovos (11,06%) e aves (4,35%) experimentaram ganhos de produção da safra 1974/75.

- Produtos Tradicionais, em Transição e Modernos

Esses grupos, constituídos segundo o estágio de desenvolvimento tecnológico, são também compostos por 21 produtos. Os modernos, compreendendo algodão, batata, cana-de-açúcar, casulo, laranja, ovos, soja e tomate; os em transição englobando amendoim, banana, café, cebola, chá, mandioca e milho; e os tradicionais com arroz, bovinos, feijão, leite, mamona e suínos.

Relativamente à quantidade produzida, somente os produtos modernos apresentaram uma variação positiva (4,52%). Os produtos em transição sofreram o maior decréscimo (-21,07%) enquanto que os tradicionais decresceram 4,90%. Dentre os modernos apresentaram incrementos na produção: soja (29,89%), ovos (11,06%), cana-de-açúcar (4,50%) e batata (1,59%). No grupo em transição, apenas a cebola (30,95%) experimentou acréscimo considerável em produção; o café (-28,57%), o milho (-20,09%) e a mandioca (-28,00%) foram as principais contribuições negativas para o índice de quantidade desse grupo. No grupo dos tradicionais, mamona (-76,13%), feijão (-16,89%) e arroz (-20,09%) foram os produtos cujas quantidades sofreram quedas anuais mais drásticas.

Em preços, os três grupos apresentaram incrementos: em transição (31,47%), tradicionais (2,58%) e modernos (0,25%). Dentre os produtos que mais se destacaram com acréscimos de preços reais foram cebola (50,80%), mandioca (48,39%), banana (40,94%), café (38,89%), arroz (24,13%), leite (19,15%), amendoim (18,83%) e milho

(17,47%); com decréscimos em seus preços reais aparecem: mamona (-41,27%), tomate (-24,83%), carne suína (-23,74%), algodão (-19,46%), casulo (-11,99%) e batata (-11,38%).

Quanto ao rendimento, somente os produtos modernos mostraram uma alteração positiva (2,26%), resultado dos acréscimos de 4,52% na produção e de 2,05% na área cultivada. Os outros dois grupos, tanto em termos de área cultivada quanto em rendimento, apresentaram variação negativa em relação à 1973/74.

Relacionando-se as variações nos fatores físicos com a variação em preços, obtém-se as seguintes alterações no valor real da produção para os três grupos: tradicional (-3,26%), em transição (1,45%) e moderno (-1,20%).

- Algodão

A retração da área plantada no Estado de São Paulo em 1974/75, tendência observada desde a safra 1971/72, foi de 7,0% situando-se em 368,0 mil hectares a área total. As usinas de beneficiamento que operaram no Estado em 1975 (em número de 89, contra 113 em 1973 e 1974) receberam 489,6 mil toneladas de algodão em caroço produzido em São Paulo, representando uma queda de 5,8%.

A produção de algodão em pluma de 1974/75 de toda a Zona Meridional está estimada em 363 mil toneladas, correspondendo a uma redução de 1,4%, quando comparada com as 368 mil toneladas de 1973/74, graças aos aumentos verificados no Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso. Ao contrário do ano anterior, as condições climáticas em 1975 foram favoráveis à obtenção de fibra de excelente qualidade e o rendimento físico das lavouras foi razoável, superando inclusive o índice alcançado na temporada anterior.

Os preços recebidos pelos cotonicultores em 1975, à semelhança do ocorrido em 1974, foram considerados insatisfatórios, não correspondendo à expectativa dos produtos, mormente tendo em vista a qualidade do algodão. O preço médio recebido pelo agricultor (Cr\$ 36,00/arroba) esteve próximo ao do mínimo de garantia do Governo Federal, o que em valores correntes, não diferiu significativamente daquele de 1974.

No mercado disponível da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, as cota -

ções do algodão em pluma do tipo 5, produzido e beneficiado em São Paulo, tiveram comportamento inverso ao do ano anterior, com altas sucessivas, face à intensificação da procura, principalmente no último quadrimestre do ano. Não obstante, a cotação média anual em 1975 foi praticamente igual (-1%) à de 1974. O volume de negócios no período janeiro-novembro de 1975, face à maior movimentação nos últimos meses, superou em 14% ao do mesmo período de 1974.

O total de algodão em pluma exportado pelo porto de Santos, atingiu 75.428 toneladas em 1975, representando um aumento de 19% em comparação ao montante do ano anterior.

Vale ainda ressaltar a implantação, em São Paulo, de nova sistemática de seguro rural obrigatório para a lavoura algodoeira no ano agrícola 1975/76, ampliando substancialmente os riscos cobertos, bem como a abolição da isenção de ICM nas exportações de algodão a partir de meados de dezembro.

Os baixos preços vigentes na comercialização da safra e as dificuldades encontradas pelos produtores na comercialização do produto, resultaram em nova e mais acentuada queda (-35,5%) na área plantada deste ano agrícola neste Estado. Nos demais estados da Região Meridional a situação é semelhante à de São Paulo.

- Arroz

A produção nacional de arroz em casca no ano agrícola 1974/75, está estimada em 7,3 milhões de toneladas. Não obstante ter crescido 7,4% em relação ao ano anterior, houve problemas no abastecimento do mercado interno. Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Maranhão foram os principais responsáveis pelo aumento na produção brasileira.

A produção do Estado de São Paulo (510 mil t), a exemplo dos estados centrais, produtores de arroz de sequeiro, apresentou quebra (-12,4%) em confronto com a de 1973/74 (580 mil t), tendo-se constituído na segunda menor safra dos últimos 20 anos (a menor foi de 348 mil t em 1970/71).

Os preços recebidos pelos produtores do Estado não apresentaram osci-

lações tão grandes como em 1974, quando a variação entre as cotações máxima e mínima atingiu 109%, permanecendo em níveis elevados, considerados bons pelos produtores. O menor preço ocorreu em março e o maior em outubro, sendo de 30% a diferença entre os mesmos. Em valores correntes houve um aumento de 58% de 1974 para 1975, admitindo-se a média do último ano em Cr\$ 130,00/sc.60kg em casca. Ao nível de atacado, os preços médios de venda no mercado paulistano, ao contrário de 1974, não apresentaram oscilações de monta, tendo mesmo havido uma estabilização nas cotações dos quebrados de arroz. As altas ocorridas nos tipos de grãos longos entre os meses de abril e setembro giraram entre 16 e 19%, conforme a origem do produto.

O abastecimento ocorreu em níveis suficientes apenas para as necessidades imediatas dos comerciantes, face ao tabelamento do produto. Visando coibir tentativas de manobras especulativas, o Governo Federal tomou algumas medidas, como: a) autorizou importações de arroz da Itália, Colômbia e Uruguai; b) restringiu o crédito de comercialização nas principais zonas produtoras; c) acumulou estoques reguladores. Baixou ele ainda, em setembro, normas de padronização do arroz beneficiado para a comercialização interna e fixou preços máximos de venda no atacado e no varejo, válidos para todo o território nacional. Essa última medida, já em fins de 1975 surtiram alguns resultados positivos, como a queda dos preços e a retomada dos negócios, embora em pequenos volumes. Como resultado prático, houve uma certa consolidação da preferência dos consumidores pelo arroz americano (variedades bluebelle, agulhinha, etc), produzido no Rio Grande do Sul.

Em decorrência dos preços vigentes no mercado para o produto, houve substancial incremento na área cultivada neste Estado na safra 1975/76, a exemplo do ocorrido nas demais regiões produtoras do Centro-Sul. Em São Paulo, o levantamento de safras, de novembro, estima um aumento de 18,1% na área plantada que atinge 618,3 mil hectares.

- Café

O ano de 1975 caracterizou-se, no setor de produção cafeeira, pela ocorrência de geadas e seca extremamente graves, que reduzirão drasticamente a produção prevista para 1976. Assim, as estimativas anteriores às geadas, de cerca de 11 milhões de sacas para o Estado, passaram a situar-se entre 4 e 4,5 milhões e, por efeito da seca, segundo dados preliminares, teria se reduzido a 2,5 milhões

a um máximo de 3 milhões de sacas.

O total de cafeeiros em produção antes das geadas era da ordem de 660 milhões, que somados aos 178 milhões de pés novos (plantados nos anos agrícolas 1972/73 - 87,8 milhões; 1973/74 - 52,2 milhões; 1974/75 - 38,0 milhões), perfaziam um total da ordem de 838 milhões de pés.

Levantamento com base em informações preliminares obtidas junto a CATI, resultam em estimativa do parque cafeeiro, no primeiro semestre de 1976, em torno de 770 milhões de pés, considerando-se os cafeeiros plantados e replantados em 1975/76.

Quanto ao café recepado, estima-se preliminarmente em 10 a 15% as falhas na brotação no território estadual. O desenvolvimento é considerado normal na maioria das DIRAs, mas em diversos municípios da DIRA de Sorocaba e naqueles em que as geadas foram mais severas, observa-se muitas falhas. Observa-se, por outro lado, erradicação acentuada nas regiões em que há outras opções como soja-trigo (Ourinhos e Assis).

A pequena produção brasileira prevista para 1976, 8,2 milhões de sacas segundo o IBC, faz com que a situação estatística do produto se mostre bastante precária em termos de disponibilidades.

Os preços recebidos pelos produtores em São Paulo apresentaram grande elevação a partir das geadas de julho, passando Cr\$ 376,00/sc. em junho para Cr\$ 649,50 em dezembro, o que representa um acréscimo de 73%. Este valor é, ainda, 105% superior ao vigente em 1974.

Essa elevação, consequência de analogo comportamento do mercado internacional, resulta, basicamente, da escassez do produto no Brasil, ocasionada pelas geadas e seca, acrescida, ainda, de problemas de ordem política em Angola, que prejudicaram, segundo informações disponíveis, não só a comercialização mas também a produção do café naquele país.

Os preços indicativos da OIC para os Arabicas Não Despulpados revelam tendência a elevação, tendo evoluído de 73,25 centavos de dolar por libra-peso em janeiro, para 97,85 em dezembro último. Nota-se que os níveis atingidos são extre

mamente elevados quando se compara com os preços indicativos mensais médios de alguns anos passados.

A situação estatística internacional, segundo dados do Pan-American Coffee Bureau, revela a ocorrência de escassez acentuada do produto, em função da redução de produção brasileira. A partir do ano de comercialização (outubro a setembro na maioria dos países) 1966/67, a produção mundial tem sido sistematicamente inferior ao consumo, a exceção de 1974/75, quando foi pouco superior. As disponibilidades nos países produtores no início do ano de comercialização 1975/76 estavam estimadas em cerca de 30,0 milhões de sacas, das quais cerca da metade pertence ao Brasil. Considerando-se a grande redução da produção no ano de 1976, verifica-se que as disponibilidades para o ano de 1976/77 deverão atingir o mais baixo nível dos últimos quinze anos. Dependerá, portanto, em grande parte da política de comercialização do produto a ser adotado pelo Brasil, a obtenção de preços mais elevados.

- Cana-de-Açúcar

Castigada pela seca e geadas a lavoura canavieira apresentou, em 1975, quebra de produção em toda a Região Centro-Sul, especialmente em São Paulo, cuja produção de cana industrial foi de 35,6 milhões de toneladas.

Refletindo a menor colheita de cana, as produções de açúcar (47,8 milhões de sacas) e de álcool (360,1 milhões de litros) foram inferiores a de anos precedentes, respectivamente 14% e 7% em relação a 1974/75 e 18% e 20% abaixo das de 1973/74.

Conseqüentemente, não foi possível exportar-se as quantidades de açúcar anteriormente previstas. Apesar do preço da cana fixado pelo IAA ter sido considerado razoável (Cr\$ 80,53/t), a rentabilidade dos agricultores foi prejudicada pela má produtividade.

Em 1975 as exportações pelo Porto de Santos totalizaram 710.862t, ou seja, 42% inferiores as de 1974 o que agravado pelas cotações em declínio impediu que se repetisse, em termos de obtenção de divisas a performance do ano anterior.

A falta de chuvas até outubro de 1975, ocasionando falhas e rebrotas fracas das canas soca e ressoca, deverá refletir-se na próxima safra, prejudicando a

produtividade.

Também a escassez de mudas para o atual plantio não deverá permitir que se cumpram planos estabelecidos de renovação e formação de novos canaviais.

- Feijão

A produção nacional de feijão no ano agrícola de 1974/75, estimada em torno de 2,4 milhões de toneladas, embora tenha superado a anterior em 4,3%, não apresentou bons resultados, tanto em rendimento físico da cultura como em resultado econômico para os produtores. Após o recorde de oito anos atrás (2,5 milhões de t), a produção nacional vem apresentando tendência de estabilização, com alternância de bons e maus resultados econômicos e frustrações parciais de safra devido às condições climáticas e ataques de moléstias e pragas. No Estado de São Paulo os baixos preços recebidos na safra das águas provocaram retração da área do plantio da seca constituindo-se na menor área plantada (águas + seca), desde o ano de 1967/68.

Os preços recebidos pelos produtores do Estado no decorrer de 1975, embora superiores aos de 1974, são inferiores aos de 1973, em termos reais. As altas substanciais no período de agosto a outubro, em decorrência da escassez do produto, não atingiram a grande maioria dos produtores, porquanto em geral os mesmos nessa época já não tinham a mercadoria em suas mãos. O preço médio anual estimado em Cr\$ 180,00/sc.60kg, embora seja, 24% maior que o de 1974, em valores correntes, em termos reais é 2,8% inferior ao daquele ano e 44% ao da média de 1973.

O abastecimento foi normal no decorrer do ano e não obstante as entradas de feijão nordestino no mercado atacadista de São Paulo em setembro-outubro, quando se prenunciava uma certa escassez de tipos de cores, os preços de varejo, acompanhando de perto os de atacado, estiveram em firme ascensão. As cotações no atacado apresentaram-se em substanciais altas, destacando-se as dos tipos carioca (237%), rosinha (227%), opaquinho (225%), chumbinho (200%) e jalo (191%), considerando-se as médias de janeiro e setembro de 1975. Os preços do feijão preto não sofreram oscilações muito grandes (56%), dada a existência de grandes estoques desse tipo em poder dos comerciantes e do Governo Federal. Os tipos bico-de-ouro e mulatinho, face a afluência de produto nordestino, tiveram variações de menor monta (100% e 117%, respectivamente). Os tipos roxão e roxinho, produzidos em Goiás e

Minas Gerais em apenas uma safra (abril a junho), com maior controle de oferta por parte dos compradores locais, sofreram alterações em menores proporções (65% e 66%), respectivamente, porquanto já se encontravam em altos níveis em janeiro de 1975.

As estimativas de produção paulista da safra das águas, conforme o 2º levantamento realizado em novembro, são de 66 mil toneladas, a serem colhidas em 113,8 mil hectares. Acredita-se que desta feita o rendimento físico das lavouras, embora em nível aquém do desejável, supere o de 1974/75, lamentando-se apenas a deterioração da qualidade do produto.

- Laranja

Conquanto a safra de 1974/75 não esteja ainda encerrada, pode-se fazer uma apreciação preliminar sobre o seu desempenho, com base no comportamento do mercado no ano civil 1975 que, em termos comerciais de safra cítrica, engloba o maior período. No que se refere a produção e comércio de fruta fresca, dever-se-ia aguardar até final de fevereiro e para industrialização até fins de maio, de modo a obter-se dados que permitissem uma análise mais profunda, visto continuarem a existir algumas disparidades entre as estimativas oficiais, aquelas calculadas pelas indústrias e a realidade pelos agricultores. Acredita-se que somente após o encerramento da safra se atinja melhor consenso. A longo seca foi um fator a dificultar uma avaliação mais precisa.

Uma estimativa de distribuição dessa produção pode ser tentada como segue:

Produção total	87.000.000 cx.
Produção comercializada	73.000.000 cx.
Industrialização	45.000.000 cx.
Exportação	2.000.000 cx.
Consumo interno	26.000.000 cx.
Produção não comercial e perdas	14.000.000 cx.

Analisando-se separadamente cada segmento do setor cítrico, pode-se iniciar pelo preço médio recebido pelo citricultor, estimado em Cr\$ 8,00/caixa no pē

(cerca de US\$ 1,00/caixa), tendo gerado uma renda bruta estimada em Cr\$ 697,6 milhões contra Cr\$ 569,6 milhões de 1974, ou seja, um ganho de 22%, em termos nominais.

Observe-se que durante o ano esse preço mostrou evolução sempre positiva, iniciando-se em março com Cr\$ 6,00/cx., passando a Cr\$ 8,00 com a intervenção governamental em maio e atingindo a Cr\$ 15,00/caixa em novembro/dezembro, para um pequeno remanescente da produção. Muito contribuiu para tal característica de mercado a prolongada seca que perdurou de março a setembro, ocasionando significativa quebra da produção, que em princípio (janeiro), fora estimada oficialmente em 90 milhões de caixas. Outro fator foi a comercialização mais ordenada do suco concentrado, conseguida graças à atuação da CACEX, que criou o Comitê de Exportação de Sucos Cítricos.

Na área da industrialização, diversos pontos merecem citação: a) a consolidação da ABRASSUCO, procurando uma orientação mais eficiente para o setor; b) um prolongado período de processamento de laranjas, que se iniciou em maio de 75 devendo-se estender a fevereiro de 76 e ampliando, conseqüentemente, a capacidade teórica de moagem das usinas que ficou acima de 60 milhões de caixas; c) sucessivos recordes de exportação para cada mês em relação ao mesmo mês de anos anteriores; d) as cotações internacionais de suco evoluíram de US\$ 420,00/t em março para US\$ 470,00 em junho, a partir de quando passaram a elevar-se gradativamente, para atingirem, em dezembro, de US\$ 500 a 520,00/tonelada FOB-Santos para suco concentrado congelado a 65º Brix; e) a paralização de uma das empresas já em outubro, por falta de matéria-prima; f) algumas reduções no ritmo de trabalho das fábricas até outubro, por necessidades técnicas, pois em diversos momentos a fruta não propiciava rendimento satisfatório; g) aumento relativo no número de quebra de copos de extratoras, provavelmente em decorrência de grande porcentagem de fruta miúda, motivada pela estiagem; h) a atuação da FRUTESP, moendo 1.200.000 caixas.

Destaque especial merece o volume total exportado pelo Porto de Santos no ano civil de 1975, que atingiu o recorde absoluto de 160.440 toneladas (peso líquido). Note-se, entretanto, que cerca de 60.000 toneladas foram exportadas até meados do ano, significando tratar-se de estoques do ano anterior, quando a recessão econômica internacional motivara uma redução nos volumes exportados.

Observe-se, ainda, que ao final de dezembro, com as cotações em alta,

não havia praticamente suco brasileiro para ser vendido mas tão somente estoque para ser entregue nos próximos meses, visto já ter sido negociado a preços estabelecidos anteriormente.

Outro recorde assinalado em 1975 foi o relativo à exportação de farelo de citrus (laranja, tangerina e limão) com a marca de 214.905 t, tendo proporcionado ao País divisas estimadas de cerca de US\$ 18 milhões.

A exportação da fruta fresca mostrou, pelo segundo ano consecutivo, níveis crescentes, atingindo 4.079 mil caixas padrão de 20kg (Resolução 45 do CONCEX). O principal mercado foi a Holanda, seguida pela Alemanha. Repetiu-se a exportação para os países da área dos petro-dolares, representados pelos emirados de Dubai/Daman. O número de países compradores somou a dez, contra doze em 1974.

Estima-se que a exportação de fruta fresca tenha gerado divisas no valor de US\$ 10 milhões, com um rateio médio de US\$ 3,00 por caixa vendida, principalmente a preços firmes (FOB Santos). Consigne-se que essa exportação continuou a não merecer incentivo fiscal de IPI sobre a embalagem, como aquele propiciado à banana.

Paralelamente, no mercado interno observou-se um volume de vendas da ordem de 26 milhões de caixas, das quais 12 milhões foram comercializadas na Capital. A nível de atacado (laranja pera) e varejo, observou-se que até meados de 1975 as cotações mantiveram-se a níveis inferiores aqueles registrados no período paralelo do ano anterior, ocorrendo o inverso no 2º semestre.

Sumarizando, poder-se-ia dizer que a safra 1975 foi a "safra da precipitação", visto que os preços foram evoluindo positivamente, com a maioria dos citricultores preocupados em venderem cedo uma fruta cuja maturação seria tardia; a indústria, carente de capital de giro, iniciou as compras de fruta em março e procurou negociar logo grande parcela de sua produção. Observou-se ainda uma crise artificial de mercado durante o segundo trimestre do ano, condicionando a intervenção do governo que acabou estendendo os incentivos fiscais (IPI e ICM) à exportação de pellets e elevou os de suco concentrado para 28%, contra 16% em 1974.

- Milho

A produção brasileira de milho em 1974/75 foi estimada pelo IBGE em cerca de 18,1 milhões de toneladas, correspondendo a um aumento de 4,6% em relação à safra anterior. Isto significa que o milho vem apresentando ganhos de produtividade nos últimos anos, já que a área tem sofrido diminuição, dando lugar a explorações mais rentáveis, como tem sido o caso da soja, notadamente nos Estados da Região Sul.

Os estados do Paraná e Minas Gerais continuam sendo os maiores produtores, tendo a região Centro-Sul respondido por 86,3% da produção nacional.

Em São Paulo (4º maior produtor), superado ainda pelo Rio Grande do Sul, a produção alcançou no ano agrícola 1974/75, 2.100 mil toneladas, ou seja 20,1% inferior a do ano passado (2.628 mil t). A área cultivada (1.106 mil ha) apresentou redução de 14,3% em relação a anterior, significando, pois, que houve uma queda no rendimento, que passou de 2.037 kg/ha em 1973/74 para 1.899 em 1974/75.

O preço médio recebido pelos produtores paulistas em 1975 foi, em termos reais, 14,0% superior ao do ano anterior, o que em valores correntes, representa um acréscimo de 46%.

A partir de junho houve uma acentuada reação nos preços, reflexo da divulgação do fracasso da produção soviética de cereais, recentemente estimada em 137,0 milhões de toneladas, ou seja, 88,0 milhões abaixo da meta inicialmente prevista. Os preços apresentaram-se ascendentes até o final do ano, mas para princípio de 1976 a tendência é de baixa, ante a concretização de uma safra recorde de milho nos Estados Unidos.

As exportações brasileiras superaram 1,0 milhão de toneladas, cifra praticamente idêntica a do ano anterior. Pelo Porto de Santos, saíram 464.617 toneladas, com redução de 31% em relação ao ano precedente.

Face aos preços de mercado favoráveis, além de um preço mínimo considerado estimulante, a área plantada em São Paulo no ano agrícola 1975/76 - a exemplo, aliás, do ocorrido em todas as regiões produtoras do Centro-Sul - apresentou notável recuperação, representando os 1.344 mil hectares sob cultivo, um acréscimo de 21,5% em relação à safra anterior.

- Soja

No ano de 1975, apesar das previsões iniciais terem sido algo pessimistas, a soja foi dentro do quadro agrícola brasileiro a cultura que trouxe, talvez, o maior incentivo ao agricultor, em razão dos preços favoráveis quando da sua comercialização.

Devido às perspectivas da grande safra brasileira e à expectativa de extensa área de plantio nos Estados Unidos, com declínio das cotações internacionais, verificou-se queda dos preços no Brasil nos meses de colheita e imediatamente após (abril a junho).

Porém, a orientação das exportações de soja em grão pelas cooperativas, propiciou aos agricultores condições de entregarem o produto sem fechamento de preço, a espera de reação do mercado. Os industriais e exportadores foram também impedidos a operarem com tal sistemática de compra, visto que as cooperativas estavam recebendo grandes quantidades do produto.

Outro fato foi a disposição da CFP de comprar um milhão de toneladas a Cr\$ 75,00/sc., superior ao preço mínimo estabelecido (Cr\$ 60,00) valendo-se de um fundo especial da CACEX para sustentação do mercado. Todavia, tal operação não se efetivou, pois a partir de julho o mercado começou a reagir

A esse quadro deve-se aduzir a participação da COBEC nas exportações de soja em grão, operando no mercado a termo.

Deste modo, o preço obtido pelo produtor brasileiro variou de Cr\$ 75,00 a Cr\$ 92,00 por saca, dependendo da época de seu fechamento, podendo-se estimar, para São Paulo, um valor médio de Cr\$ 83,00/saco.

A reação verificada de julho a setembro no mercado internacional foi de corrência, em parte, da frustração da safra de cereais na Rússia, que a obrigou a comprar maciçamente no mercado mundial, a fim de provêr arrojamento de seus rebanhos, elevando inclusive, os preços de farelos. Contudo, a partir de outubro as cotações internacionais passaram a declinar com o reflexo da safra norte-americana avaliada em 41 milhões de toneladas.

Outro fato positivo foi o aumento de consumo mundial, decorrente da retomada das atividades econômicas, superando as consequências da crise energética, que alterou o comportamento da economia nestes últimos anos.

A produção brasileira de soja no ano agrícola 1974/75 marcou novo recorde, alcançando cerca de 9,7 milhões de toneladas, totalmente concentrada na Região Centro-Sul, sendo que o Rio Grande do Sul participa com 48%, Paraná com 35% e São Paulo 7% (678,0 mil toneladas).

Do total, as exportações de grão absorveram ao redor de 3,5 milhões de toneladas, foram industrializadas aproximadamente 4,8 milhões de toneladas, 0,7 deverão ser utilizadas como semente e restando 0,7 milhão de toneladas como estoque e para outros usos.

Do total de farelo produzido, ao redor de 3,5 milhões de toneladas deverá ser consumido internamente 1,0 milhão de toneladas enquanto 2,5 milhões deverão ser exportadas.

Considerando-se apenas as exportações pelo Porto de Santos, verifica-se que em 1975 houve um acréscimo de 58% nos embarques de soja em grão (127.633 toneladas), em relação a 1974. O farelo apresentou acréscimo de 8%, com a saída de 186.454 toneladas. As exportações de óleo de soja atingiram a 12.350 toneladas, visto que o abastecimento do mercado interno mostrou-se normal, com os preços estabilizados, o que não ocorrera em 1974, quando foram proibidas as vendas para o exterior.

No ano agrícola 1975/76, em decorrência dos preços considerados razoáveis obtidos pelos produtores, a área plantada manteve-se estável, com decréscimo estimado em novembro, de 2,9%, mas com decréscimo na região de Orlandia não compensado pela expansão verificada na zona de Assis.

- Avicultura

Tanto para ovos como para aves de corte, o mercado em 1975 mostrou um início desalentador, recuperando-se posteriormente. No cômputo final, no entanto, apresenta-se ele pouco favorável, na relação de preço insumo produto.

No caso de ovos, o preço médio anual recebido pelos produtores-Cr\$3,31/duzia - foi apenas 14% superior ao de 1974, significando uma queda em valores reais.

Nos últimos dois meses do ano, os produtores conseguiram melhores resultados quando os preços mostraram relativa reação em relação aos níveis anteriores.

Para o setor de corte, pode-se considerar que o segundo semestre foi mais alentador para os empresários avícolas, com a recuperação das cotações, porém o preço médio anual recebido pelo produtor paulista foi de aproximadamente Cr\$ 4,94/kg, contra Cr\$ 3,83 verificado em 1974.

Durante o ano, o mercado apresentou características que merecem citação especial, como: a) em março começou a haver penetração do frango de Santa Catarina no mercado paulista, a preços inferiores aos de São Paulo; b) a fim de manter os preços competitivos, os abatedores (Bolsa do Frango) decidiram manter os preços fixos por três meses, todavia, com a pronta reação dos avicultores, as cotações passaram a vigir em caráter semanal; c) a partir de julho, Santa Catarina passou a exportar o produto, diminuindo a pressão de oferta no mercado paulista; d) a proibição de venda de carne bovina fresca nas principais capitais brasileiras no período de entresafra (agosto a novembro), incrementou a demanda por carne de aves, conferindo maior firmeza ao mercado de frangos; e) a federalização dos abatedouros teve iniciada sua implantação, fechando dezenas deles e trazendo alguma incerteza aos pequenos produtores, quanto à colocação de sua produção.

O ano de 1975 foi marcado também pela exportação de 25 toneladas de pedaços de frango (asas e coxas) para o Japão, com boa aceitação, o que deverá propiciar a realização de novos negócios. Contudo, sua consolidação dependerá de incentivos governamentais capazes de impedir que o produto se torne gravoso.

De janeiro a novembro de 1975 foram alojadas cerca de 4,3 milhões de matrizes para corte, contra 4,8 milhões alojadas no mesmo período de 1974, indicando melhor ajustamento entre a produção e o consumo, especialmente nesta atividade caracterizada por crises cíclicas.

Por outro lado, o preço médio agregado de rações em 1975 situou-se em Cr\$ 1,32/kg, 30% superior ao de 1974.

- Pecuária de Corte

Durante o primeiro semestre de 1975 o mercado de carne bovina se manteve relativamente calmo. O Governo continuou com a política de "acordo de cavalheiros" com os frigoríficos no tocante a preços, sem recorrer ao tabelamento e estabelecendo que no atacado, o quilo de trazeiro deveria ser vendido a Cr\$ 10,30 e o dianteiro a Cr\$ 6,50.

Aparentemente, o mencionado acordo foi respeitado no 1º semestre do ano (época de safra). Entretanto, no 2º semestre, o Governo resolveu liberar por completo os preços da carne bovina. Nessa altura, os cortes do trazeiro e do dianteiro já estavam sendo comercializados, respectivamente, a Cr\$ 14,00 e Cr\$ 10,00 o quilo, enquanto que o boi gordo, em certas regiões do Estado, alcançava Cr\$ 160,00 a arroba, declinando, posteriormente, para se estabilizar em torno de Cr\$ 135,00 no final de novembro. Em dezembro as cotações voltaram a se elevar, chegando a Cr\$ 150,00, sendo essa alta motivada principalmente pela decisão do Governo Federal de reiniciar as compras de carne bovina para formação de estoques reguladores de carne congelada, a fim de suprir o mercado durante a entressafra do ano que se inicia.

Se bem que os abates sob inspeção federal tenham se ampliado bastante em 1975, em decorrência da implementação dessa política, os dados disponíveis indicam uma relativa estabilização de produção nos dois últimos anos.

Em 1975, foram exportados pelo Porto de Santos 37.846 toneladas de carne bovina, cifra 13% superior à de 1974, (33.113 t). Do total exportado, 73% são representados por carnes enlatadas, demonstrando que na atual conjuntura mundial de excesso de carne, apenas o produto industrializado é que, aparentemente, apresenta possibilidade de colocação. Convém citar que tal argumento foi utilizado pelos industriais para conseguir autorização do Governo Federal para a importação de 25.000 toneladas de carne do Uruguai, causando grande celeuma na época (setembro/outubro) embora o produto importado fosse para ser industrializado e posteriormente exportado.

O mercado externo continua ainda inalterado com relação a preços, com possibilidades de cair a curto prazo, pois há indicações de estoques de mais de 350.000 toneladas de carne bovina na CEE. Acrescente-se ainda o recente fracasso

na colheita de cereais da URSS que deverá comprometer a produção de rações forçando maior abate de bovinos, pelo menos no primeiro semestre de 1976.

Os produtores de boi gordo da CEE foram bem remunerados em 1975; todavia, o mesmo não ocorreu com os pecuaristas da Argentina, Nova Zelandia e Uruguai, que tiveram baixa remuneração pelo produto. Da mesma forma, enquanto os países do Hemisfério Sul encontravam dificuldades crescentes para exportar, a CEE terminou o ano como exportadora líquida, com reversão, portanto, da tradicional posição de região importadora.

- Pecuária Leiteira

Apesar dos efeitos negativos das geadas e da prolongada seca sobre as pastagens, o desempenho da pecuária de leite pode ser considerado satisfatório no ano de 1975. A política do Governo Federal em reajustar os preços a níveis mais favoráveis, em provêr uma linha de crédito especial para os produtores e finalmente ao programa de estocagem de leite em pó visando absorver o excesso de leite do período da safra, para ser reidratado e distribuído na entre-safra muito contribuíram para tal desempenho.

Como consequência, o abastecimento na Grande São Paulo foi normal não se repetindo os problemas de escassez acentuada do produto, como vinha ocorrendo desde 1972. Em 1975, foram distribuídos 592 milhões de litros in-natura, o que representa aumento de, respectivamente, 20% e 30% em relação aos anos de 1974 e 1973.

Se de um lado houve aumento na distribuição do leite tipo C, houve, por outro lado, redução de 14% na distribuição do leite B, em relação ao volume de 1974. Embora os produtores de leite B reclamem que esse problema se deva a falta de agressividade na comercialização por parte das usinas, aparentemente, o que gerou essa situação foi o aumento substancial na produção de B sem o correspondente aumento de demanda por um produto de preço mais elevado.

Apesar das manifestações de insatisfação acredita-se que, pelo menos a curto prazo, não deverá ocorrer diminuição na produção de leite B, uma vez que o preço médio ponderado de Cr\$ 2,00/litro que recebe o produtor é ainda superior ao custo de produção, que segundo fontes empresariais estaria em torno de Cr\$ 1,70/1,75

por litro.

Quanto ao leite tipo C, o produtor recebeu em 1975 aproximadamente Cr\$ 1,25/litro (cota e excesso), o que representa substancial aumento em relação ao preço 1974.

Repercutiu-se de forma bastante favorável entre os industriais a decisão do Governo de financiar novamente em 1976 a estocagem de leite em pó, queijo e manteiga, cujos volumes seriam, respectivamente, de 20 mil, 10 mil e 5 mil toneladas, bem superior portanto, aos estoques financiados em 1975, cujos volumes teriam sido 9 mil, 8 mil e 3 mil toneladas. Na presente safra deveriam ser absorvidas pelo Programa cerca de 330 milhões de litros de leite, enquanto que na anterior o mesmo Programa se propunha absorver 173 milhões de litros.

FATORES DE PRODUÇÃO

- Fertilizantes

No ano de 1975 o mercado de fertilizantes teve um comportamento bastante estável, tanto no tocante a oferta, como no que se refere a evolução dos preços correntes. Se de um lado os fornecedores passaram por período de acumulação de estoques (1º semestre), de outro, o fortalecimento da demanda em período subsequente (2º semestre) propiciou certo equilíbrio entre oferta e demanda. Os preços correntes apresentaram pequenas alterações no transcorrer do ano, não chegando a diferença dessa variação a alcançar a 7% entre o índice base (dezembro de 1974 = 100) e os limites superiores e inferiores; consequentemente os preços reais se mostraram declinantes e para os produtores agrícolas deverão ter proporcionado melhoria na relação de preço insumo/produto.

- Tratores

As informações estatísticas para o ano de 1975, indicam acréscimo nas vendas de cerca de 34% comparativamente ao ano de 1974. No último mês do ano as vendas superaram a produção em 4,2%, sendo vendidas 3.326 unidades de tratores de 4 rodas e produzidas 3.191 unidades.

Durante todo o transcorrer do ano houve um bom equilíbrio entre oferta e demanda, sendo que no cômputo final o volume produzido superou o consumo em apenas 2,5%.

A produção de cultivadores motorizados, incluindo micro-tratores de 4 rodas, superou as 5 mil unidades em 1975. No mês de dezembro foram produzidas 197 unidades e vendidas 263.

As exportações de tratores de 4 rodas no ano de 1975 atingiram a 558 unidades, sendo que durante o mês de dezembro foram exportadas apenas 2 unidades.

- Sementes

Das sementes produzidas e distribuídas pela Secretaria da Agricultura, até 31/12/75, apenas as de algodão (-53%) e a de soja (-22%), apresentaram decréscimo nas vendas relativamente ao mesmo período do ano anterior. Acréscimo significativo é observado para o feijão de mesa (31,4%), amendoim (24,4%), arroz (22%) e milho variedade (28,8%).

Quanto a semente de trigo, é estimado um deficit de 79.700 sacos de 50kg, para o plantio em 1976.

Pode-se concluir que, em 1975, a oferta e demanda de sementes variou muito conforme a espécie. Assim, para algodão, houve excesso de oferta, enquanto para o milho ocorreu relativo equilíbrio. No caso do arroz, os agricultores se ressentiram da falta de sementes de alguns cultivares, se bem que no agregado tenha havido bom suprimento. Amendoim e feijão, onde a utilização de grãos é bastante intensa, não teve problemas para o atendimento de suas necessidades, face à boa disponibilidade de sementes melhoradas, embora a demanda tenha sido bem superior à verificada no ano anterior.

QUADRO 1. - Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos na Agricultura Paulista, Final da Safra 1973/74 e Estimativa Preliminar 1974/75

Produto	Quantidade (1.000t)		Preço (Cr\$/Unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real em Cr\$ 1.000 de 1974(2) 1974/75
	1973/74	1974/75(1)	1973/74	1974/75		1973/74	1974/75	
Carne bovina	504,3	496,8	106,79	125,00	arroba	3.590.280	4.140.000	3.241.744
Cafê beneficiado	588,0	420,0	332,64	590,00	sc.60kg	3.259.872	4.130.000	3.233.914
Cana-de-açúcar	36.460,0	38.100,0	57,67	80,53	tonelada	2.102.648	3.068.193	2.402.487
Leite (milhões litros)	1.493,9	1.506,0	0,94	1,43	litro	1.404.266	2.153.580	1.686.318
Milho	2.628,0	2.100,0	32,00	48,00	sc.60kg	1.401.600	1.680.000	1.315.490
Ovos (milhões dúzias)	398,0	442,0	2,90	3,31	dúzia	1.154.200	1.463.020	1.145.589
Aves para corte	230,0	240,0	3,83	4,94	kg vivo	880.900	1.185.600	928.360
Algodão em caroço	519,6	489,6	35,00	36,00	arroba	1.212.400	1.175.040	920.092
Arroz	582,0	510,0	82,00	130,00	sc.60kg	795.400	1.105.000	865.248
Soja	522,0	678,0	67,00	83,00	sc.60kg	582.900	937.900	734.404
Laranja	3.560,0	3.488,0	6,40	8,00	cx.40kg	569.600	697.600	546.242
Tomate	610,4	560,8	1.000,00	960,00	tonelada	610.400	538.368	421.558
Batata	416,4	423,0	66,00	74,70	sc.60kg	458.040	526.635	412.371
Amendoim	268,6	262,5	29,00	44,00	sc.25kg	311.576	462.000	361.760
Carne suína	66,4	65,9	105,51	102,75	arroba	467.058	451.415	353.471
Feijão	131,4	109,2	145,00	180,00	sc.60kg	317.550	327.600	256.521
Banana	547,8	529,7	250,00	450,00	tonelada	136.950	238.365	186.647
Uva de mesa	120,0	112,8	14,00	16,50	cx.8kg	210.000	232.650	182.172
Cebola	75,6	99,0	48,50	93,40	sc.45kg	81.480	205.480	160.897
Mandioca	1.000,0	720,0	143,00	271,00	tonelada	143.000	195.120	152.785
Tangerina	428,0	505,6	8,00	10,00	cx.40kg	85.600	126.400	98.975
Trigo	153,1	62,9	84,00	100,20	sc.60kg	214.340	105.043	82.252
Limão	336,0	368,0	8,00	10,00	cx.40kg	67.200	92.000	72.039
Casulo	5,0	5,0	13,35	15,00	quilo	66.750	75.000	58.727
Mamona	155,0	37,0	1,26	0,95	quilo	195.300	35.150	27.523
Chã verde	27,3	27,8	0,54	0,70	quilo	14.742	19.460	15.238
Valor total da produção (26 produtos)						20.334.052	25.366.619	19.862.824
Valor total da produção s/cafê (25 produtos)						17.074.180	21.236.619	16.628.910
Valor total da produção de origem vegetal (20 produtos)						12.770.598	15.898.004	12.448.614
Valor total da produção de origem vegetal s/cafê (19 produtos)						9.510.726	11.768.004	9.214.700
Valor total da produção de origem animal (6 produtos)						7.563.454	9.468.615	7.414.210

(1) Estimativa final, safras 1974/75, novembro de 1975.

(2) Deflador estimado (0,78303) em função da variação do índice "2" da Conjuntura Econômica, médias de 1974 e 1975.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 2. - Variação Percentual na Área Plantada, Produção, Rendimento, Preço e Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista entre as Safras 1973/74 e 1974/75 (1)

Produto	Participação percentual no valor		Variação percentual entre 1974/75 e 1973/74						
	1973/74	1974/75	Área	Produção	Rendimento	Preço		Valor	
						Corrente	Real	Corrente	Real
Carne bovina	17,66	16,32	-	-1,49	-	17,75	-8,34	15,31	-9,71
Cana-de-açúcar	10,34	12,09	1,83	4,50	2,62	39,64	9,35	45,92	14,26
Cafê beneficiado	16,03	16,28	0,00	-28,57	-28,57	77,37	38,89	26,69	-0,80
Leite (milhões litros)	6,91	8,49	-	0,81	-	52,12	19,15	53,36	20,09
Milho	6,89	6,62	-14,26	-20,09	-6,80	50,00	17,47	19,86	-6,14
Arroz	3,91	4,36	12,70	-12,37	-22,24	58,54	24,13	38,92	8,78
Ovos (milhões dúzias)	5,68	5,77	-	11,06	-	14,14	-10,69	26,76	-0,75
Algodão em caroço	5,96	4,63	-6,98	-5,77	1,29	2,86	-19,46	-3,08	-24,11
Aves para corte	4,33	4,67	-	4,35	-	28,98	1,04	34,59	5,39
Soja	2,87	3,70	16,78	29,89	11,23	23,88	-3,00	60,90	25,99
Tomate	3,00	2,12	-7,82	-8,13	-0,33	-4,00	-24,83	-11,80	-30,94
Laranja	2,80	2,75	0,26	-2,02	-2,28	25,00	-2,19	22,47	-4,10
Carne suína	2,30	1,78	-	0,75	-	-2,62	-23,74	-3,35	-24,32
Amendoim	1,53	1,82	-12,02	-2,27	11,08	51,72	18,83	48,28	16,11
Batata	2,25	2,08	27,17	1,59	5,67	13,18	-11,38	14,98	-9,97
Feijão	1,56	1,29	-20,17	-16,89	4,10	24,14	-2,79	3,16	-19,22
Trigo	1,05	0,41	9,84	-58,92	-62,55	19,29	-6,60	-50,99	-61,63
Uva de mesa	1,03	0,92	-7,06	-6,00	1,13	17,86	-7,71	10,79	-13,25
Banana	0,67	0,94	4,02	-3,30	-7,05	80,00	40,94	74,05	36,29
Cebola	0,40	0,81	8,33	30,95	20,88	92,58	50,80	152,18	97,47
Mandioca	0,70	0,77	-32,57	-28,00	6,78	89,51	48,39	36,48	6,84
Tangerina	0,42	0,50	-9,44	6,64	3,82	25,00	-2,13	47,66	15,63
Limão	0,33	0,36	5,12	15,33	15,25	25,00	-2,13	36,90	7,20
Casulo	0,33	0,29	-	0,00	-	12,36	-11,99	12,36	-12,02
Mamona	0,96	0,14	-73,90	-76,13	-8,53	-24,60	-41,27	-82,00	-85,91
Chá verde	0,07	0,08	-1,60	1,83	3,49	29,63	1,85	32,00	3,36

(1) Estimativas preliminares para safra 1974/75.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Índices de Preço Real por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo, Safras 1972/73 a 1974/75

Grupo	Nº de produto	Preço (1)			Evolução percentual	
		1972/73	1973/74	1974/75 (2)	1973/74 1972/73	1974/75 1973/74
Produtos alimentícios vegetais	7	121,13	104,91	112,40	- 13,39	7,14
Produtos alimentícios animais	4	131,09	142,22	139,82	8,49	- 1,69
Matéria-prima para indústria	7	99,45	103,36	119,24	3,93	15,36
Produtos de exportação	3	148,36	145,05	168,81	- 2,23	16,38
Produtos tradicionais	6	135,36	141,69	145,34	4,68	2,58
Produtos em transição	7	138,20	124,79	164,06	- 9,70	31,47
Produtos modernos	8	98,06	98,09	98,34	0,03	0,25
Produtos de origem animal	5	131,19	142,24	139,82	8,42	- 1,70
Produtos de origem vegetal	16	119,62	116,01	131,99	- 3,02	13,77
Produtos de origem vegetal sem café	15	109,82	104,57	116,35	- 4,78	11,26
Produtos alimentícios	11	127,37	128,31	129,59	0,74	1,00
Geral sem café	20	117,42	121,03	124,70	3,07	3,03
Geral	21	123,23	124,20	134,43	0,79	8,24

(1) Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período 1962-66 = 100. Todos os preços foram transformados em Cr\$ de 1971 pelo índice "2" da Conjuntura Econômica. Base de comparação igual à de ponderação.

(2) Estimativas preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 4. - Índices de Quantidade Produzida por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo, Safras 1972/73 a 1974/75

Grupo	Nº de produto	Quantidade ⁽¹⁾			Evolução percentual	
		1972/73	1973/74	1974/75 ⁽²⁾	1973/74 1972/73	1974/75 1973/74
Produtos alimentícios vegetais	7	119,32	126,28	124,15	5,83	- 1,69
Produtos alimentícios animais	4	129,04	122,68	124,23	- 4,93	1,26
Matéria-prima para indústria	7	123,34	118,38	115,47	- 4,02	- 2,46
Produtos de exportação	3	100,98	118,63	92,40	17,48	- 22,11
Produtos tradicionais	6	104,49	100,25	95,34	- 4,06	- 4,90
Produtos em transição	7	97,71	112,73	88,98	15,37	- 21,07
Produtos modernos	8	154,09	150,32	157,12	- 2,45	4,52
Produtos de origem animal	5	129,75	123,51	125,17	- 4,81	1,34
Produtos de origem vegetal	16	115,46	120,20	110,65	4,11	- 7,94
Produtos de origem vegetal sem café	15	118,66	115,89	112,85	- 2,33	- 2,62
Produtos alimentícios	11	125,58	124,03	124,20	- 1,23	0,14
Geral sem café	20	122,73	118,60	117,37	- 3,37	- 1,04
Geral	21	120,10	121,23	115,36	0,94	- 4,84

⁽¹⁾ Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período base 1962-66 = 100.

⁽²⁾ Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 5. - Índice de Valor Real, por Grupo de Produtos, Participação Percentual do Valor de cada Grupo no Total dos 21 Produtos e Evolução dos Índices, Estado de São Paulo, Safras de 1972/73 a 1974/75 (1)

Grupo	Nº de produto	Participação em % 1962-66	1972/73		1973/74		1974/75 (2)		Evolução percentual	
			Índice	%	Índice	%	Índice	%	1973/74	1974/75
									1972/73	1973/74
Produtos alimentícios vegetais	7	18,86	142,24	18,28	122,82	15,57	119,20	15,29	- 13,65	- 2,95
Produtos alimentícios animais	4	29,87	165,49	36,15	164,96	35,16	163,20	35,20	- 0,32	- 1,07
Matéria-prima para indústria	7	30,62	119,62	25,00	123,77	25,48	130,20	27,13	3,47	5,19
Produtos de exportação	3	20,64	148,47	20,91	171,47	23,79	159,37	22,38	15,49	- 7,06
Produtos tradicionais	6	37,31	144,86	36,65	144,32	35,97	139,61	35,22	- 0,37	- 3,26
Produtos em transição	7	29,40	134,16	26,92	143,55	28,37	145,64	29,13	7,00	1,45
Produtos modernos	8	33,29	151,10	36,43	150,05	35,65	148,25	35,65	- 0,69	- 1,20
Produtos de origem animal	5	29,93	166,75	35,80	166,29	35,51	164,33	35,51	- 0,28	- 1,18
Produtos de origem vegetal	16	70,07	133,59	63,85	136,92	64,49	135,29	64,49	2,49	- 1,19
Produtos de origem vegetal sem café	15	57,55	126,83	49,79	122,01	47,20	120,37	47,13	- 3,80	- 1,34
Produtos alimentícios	11	48,73	156,82	54,08	149,24	50,73	146,79	50,49	- 4,83	- 1,64
Geral sem café	20	87,45	141,03	85,93	137,76	82,71	136,00	82,64	- 2,32	- 1,28
Geral	21	100,00	143,94	100,00	146,09	100,00	144,35	100,00	1,49	- 1,19

(1) Índices simples, base 1962-66 = 100. Valores transformados em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(2) Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 6. - Índices de Área Plantada por Grupo de Produtos, Estado de São Paulo, e Evolução, entre as Safras 1972/73 a 1974/75 ⁽¹⁾

Grupo	Nº de produto	Área plantada ⁽¹⁾			Evolução percentual	
		1972/73	1973/74	1974/75	$\frac{1973/74}{1972/73}$	$\frac{1974/75}{1973/74}$
Produtos alimentícios vegetais	7	85,76	88,95	88,96	3,72	0,01
Matéria-prima para indústria	6	105,06	111,48	101,56	6,11	- 8,90
Produtos de exportação	3	78,49	80,60	78,74	2,69	- 2,31
Produtos tradicionais	3	69,09	70,60	63,10	2,19	- 10,62
Produtos em transição	7	84,51	83,72	75,62	- 1,03	- 9,68
Produtos modernos	6	132,63	152,02	155,14	14,62	2,05
Produtos de origem vegetal sem café	15	95,27	99,14	92,90	4,06	- 6,29
Produtos de origem vegetal (geral)	16	92,97	97,41	92,19	4,78	- 5,36

⁽¹⁾ Índice simples, com base 1962-66 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 7. - Índices de Rendimento por Grupo de Produtos, Estado de São Paulo, e Evolução entre as Safras 1972/73 a 1974/75

Grupo	Nº de produto	Rendimento (¹)			Evolução percentual	
		1972/73	1973/74	1974/75	$\frac{1973/74}{1972/73}$	$\frac{1974/75}{1973/74}$
Produtos alimentícios vegetais	7	112,33	114,40	101,43	1,84	- 11,34
Matéria-prima para indústria	6	114,50	108,76	107,75	- 5,01	- 0,93
Produtos de exportação	3	123,21	141,15	112,56	14,56	- 20,26
Produtos tradicionais	3	117,47	120,83	104,64	2,86	- 13,40
Produtos em transição	7	118,44	130,87	113,40	10,49	- 13,35
Produtos modernos	6	111,91	99,65	101,90	- 10,96	2,26
Produtos de origem vegetal sem café	15	115,62	111,26	107,07	- 3,77	- 3,77
Produtos de origem vegetal (geral)	16	115,99	117,32	107,29	1,15	- 8,55

(¹) Índice calculado pelo método de Paasche. Índice simples de cada produto, base 1962-66 = 100, ponderado pela área plantada de cada produto em cada ano.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.